

## **A RELAÇÃO ENTRE A MODA, O MOVIMENTO PUNK E SUA RAINHA, VIVIENNE WESTWOOD**

The relationship between the fashion, the punk movement and his queen, Vivienne Westwood

Bortholuzzi, Juliana; Mestranda; Universidade Feevale<sup>1</sup> jubortholuzzi@hotmail.com  
Araujo, Denise Castilhos de; Universidade Feevale. deniseca@feevale.br

### **Resumo:**

O presente artigo faz uma revisão bibliográfica sobre o movimento punk e sua protagonista, a estilista Vivienne Westwood, que é conhecida como a Rainha Punk, tentando demonstrar a relação do movimento com o seu trabalho. Essa revisão tem como pano de fundo a moda como linguagem, pois, quando os punks se vestem da maneira que se vestem, eles tem algo a dizer para a sociedade.

**Palavras Chave:** Moda. Punk. Vivienne Westwood.

### **Abstract:**

This article reviews the literature on the punk movement and its protagonist, the fashion designer Vivienne Westwood, who is known as the Queen of Punk, trying to demonstrate the relationship of the movement with her work. This review is the backdrop of fashion as a language, because when the punks dress the way they dress, they have something to say to society.

**Keywords:** Fashion. Punk. Vivienne Westwood.

### **A Moda comunica**

Através da moda é possível que os indivíduos se comuniquem, utilizando-a como linguagem, ou seja, um código através do qual são produzidas mensagens. Ao usarmos uma roupa, estamos compartilhando informações com o mundo, demonstrando nossa identidade, a qual tribo pertencemos, enfim, a roupa pode ser considerada uma mensagem, a qual, provavelmente, encontrará um destinatário.

Garcia diz que “a moda é um instrumento poderoso de inserção humana no contexto cultural, ela é um instrumento de comunicação”. (GARCIA, 2005, p. 100).

E, segundo Barnard,

Moda e indumentária são formas de comunicação não-verbal, uma vez que não usam palavras faladas ou escritas. (Não é difícil entender que até mesmo quando roupas se cobrem de palavras, como grifes ou *slogans*, por exemplo,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Processos e Manifestações Culturais, Feevale/RS, Graduada em Direito –Unisinos/RS, Especialista em Direito Privado – Unisinos/RS, Graduanda em Moda pela Feevale/RS.

ainda permanece um nível de comunicação não-verbal que excede um significado literal dessas grifes e *slogans*. (BARNARD, 2003, p.50).

Através de uma peça de roupa, uma pessoa manda uma mensagem para a outra. Segundo Barnard, “é por meio da roupa que uma pessoa tenciona comunicar suas mensagens a outra”. (BARNARD, 2003, p.52).

No presente artigo trataremos do movimento *punk*, sua relação com a estilista Vivienne Westwood e os resquícios dessa relação nas suas criações.

Castilhos diz que “No imbricamento das linguagens, moda e corpo concretizam subjetividades, marcam posições sociais, exploram e orientam opções sociais, acordam ou polemizam com instituições políticas ou ideológicas”. (Castilho, 2004, p.34). Essa situação pode ser percebida no caso dos *punks*, que, através da indumentária, mostram insatisfação e indignação contra o sistema inglês da época.

“Mediante o fenômeno da moda, podemos comunicar ao mundo e a nós mesmos o que somos, o que não somos, aquilo que sonhamos ser, e até o que parecemos ser” (MIRANDA, 2008, p. 56). E complementa que “não é simplesmente dizer que o que nós vestimos mostra o que nós somos, mas como nós vestimos e em que contexto” (MIRANDA, 2008, p. 56).

Partindo da premissa de que a moda é um comportamento coletivo, ela pode ser pensada como código, que nos ajuda a decifrar estes significados. Ela é dependente do contexto, ou seja, o mesmo texto pode ser interpretado de forma diferente por receptores diversos, e em situações distintas.

Sendo assim, moda e indumentária são empregadas como armas ideológicas na batalha entre grupos sociais, ou seja, um conjunto de idéias, uma ideologia, coloca-se contra outro conjunto de idéias, outra ideologia, no momento em que vestimos uma roupa e comunicamos nossa ideologia com ela. O punk usa a roupa para desafiar a ideologia dominante e contestar a política, a distribuição do poder na ordem social.

O punk tem a sua identidade bem sedimentada, podemos reconhecer um punk em qualquer lugar do mundo. Souza afirma que “a identidade é construída nas fissuras, nas travessias e nas negociações que ligam o interno e o externo, o público e o privado, o psíquico e o político” (SOUZA, 2004, p. 123). No caso dos punks, suas identidades foram sendo formatadas a partir de um ideal que lutava contra a política de onde viviam.

### **Vivienne Westwood e o movimento Punk**

Nascida em 1941, numa pequena localidade da Inglaterra, a estilista Vivienne Westwood, é considerada por muitos a eterna Rainha do Punk, devido à moda radical

proposta por ela no início de sua carreira, coincidentemente, no início do movimento punk. “Considerada a maior estilista britânica viva, ela é, tal como a Rainha e os taxis pretos, um símbolo da Inglaterra”. (JONES, 2003 , p.512).

Em 1965, já vivendo em Londres, Vivienne conheceu Malcolm McLaren, e começaram então, um relacionamento que foi fundamental para a história da moda e da música, do século XX.

Juntos, Vivienne e McLaren procuraram novas formas de expressão, e acabaram descobrindo o charme dos anos 50. Começaram a ganhar a vida vendendo moda nostálgica, primeiramente em uma loja alugada e posteriormente numa loja própria, na zona mais barata de Londres, a King’s Road.

Nessa época, Vivienne descosia roupas antigas, no estilo “teddyboy”, copiava a modelagem e depois confeccionava as suas próprias peças. Dois anos depois, essa tendência tinha deixado de ser procurada, e o casal encontrou sua nova clientela, nos grupos de *rockers* e nos negros das classes menos abastadas.

Em 1972, eles mudaram o nome da loja para “Too fast to Live, tõe Young to die”. Passariam então, a vender produtos em couro, T-shirts com estampas pornográficas, o que findou por lhe trazer imensos problemas com a justiça. Como solução encontrada, eles mudaram o nome da loja, desta vez para “SEX”. Na nova loja, eles vendiam T-shirts com mensagens ainda mais explícitas e roupas com aspecto sadomasoquista, tendo em vista atingir o público extremamente marginalizado da sociedade.

Em meados da década de 70 a Inglaterra começava a dar sinais de crise, vivia um momento de estagnação econômica, o alto índice de desemprego, greves, intolerância racial, fragilidade da gestão do Partido Trabalhista versus crescimento político da ultraconservadora Margaret Thatcher. O caos mais que propício para o surgimento do punk na terra da realeza.

A juventude da classe operária sentia que não havia perspectivas de futuro. Com isso, surgia um novo movimento, como uma tentativa de atacar velhos valores de uma sociedade relativamente velha, o qual seria considerado um dos fenômenos sociais e culturais mais controversos da história contemporânea, mas ao mesmo tempo, um dos mais marcantes.

“Por aqui, os garotos punks eram filhos da classe operária. Estavam revoltados e agressivos”. (TEMPLE, 2001). O Movimento Punk, surgido na década de 1970, assim como outros movimentos da contracultura, fugia dos padrões impostos pela sociedade

através do modismo. Seus integrantes mostravam revolta através de cabelos espetados e coloridos, roupas velhas que simbolizavam o anti-consumismo proposto pelo grupo e jaquetas com frases de rejeição as injustiças de um estado repressor.

O *punk* surgiu num momento de ascensão dos conservadores ao poder e de recessão econômica que teria provocado o desemprego e afetado, sobretudo, os jovens brancos pobres. De fato, a sociedade inglesa escandalizou-se com a atitude irreverente dos jovens que saíam em bandos pelas ruas em trajés estranhos, calças justas, rasgadas e remendadas por alfinetes, presas por cintos de arrebitos.

A esse visual assustador aliava-se uma conduta crítica e transgressiva, pois ignorando completamente as determinações sociais, aqueles jovens criaram um modo próprio de vida, uma cultura própria. Segundo Cuche, “a identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas.” (CUCHE, 1999, p.176)

A primeira regra do *punk* é que não existem regras. Ser *Punk* é quebrar as regras e não criá-las, é não se preocupar em usar roupas certas ou dizer os clichês certos, mas pensar por si mesmo, afirma Bivar (2001), *punk* é a liberdade de palavra e espaço para mover-se. Em 1976, o *punk* passa a ser uma revolução mais de estilo do que de política, mais sentimento do que consciência.

O *punk* revolucionou o modo como roupas eram usadas pelos jovens pelo mundo inteiro. Repentinamente, a “alta moda” já não era mais tendência, e sim estar diferente, individual, criar um *look* único, fazer o seu estilo. Porém Cogan (2008) conta que, infelizmente, isso não levou somente a adoção de um uniforme *punk* universal e sim, acabou caindo nas tendências de moda, sendo desfilados em passarelas por modelos anoréxicas, roupas rasgadas, alfinetes, rebites e taxas, indo contra a ideologia inicial do movimento, até hoje.

O trabalho da dupla Westwood-McLarem começou a se diferenciar quando eles lançaram o grupo inglês Sex Pistols nos meios de comunicação. Ele, como produtor, e ela como responsável pelo figurino agressivo, que foi um conceito extremamente inovador na época. O grupo tornou-se símbolo do movimento e o colocou em evidência nos meios de comunicação. Suas letras expressavam a anarquia e insultavam a família real.

Vivienne Westwood estava ligada aos punks quando começou sua carreira na moda, criando roupas com essa estética, e sempre contestando a sociedade em forma de frases e elementos nas suas criações. Logo depois, Vivienne se reinventou, e o visual

anárquico punk deu lugar a coleção neorromântica denominada Pirata, lançada em 1981, e em outra loja, a “Nostalgia of Mud”, que terminou em 1982, culminando no fim da dupla Westwood-McLarem.

Neste mesmo ano, ela desfilou em Paris com a coleção Punkature, mostrando um novo perfil, com roupas de corte assimétrico e as saias-tubo. A partir de 1987, a estilista trouxe o xadrez, os tweeds, os espartilhos e os sapatos com salto gigantescos. No entanto, a alma punk sempre estava presente nas suas coleções.

De acordo com Baudot: “As referências de Westwood ao século XVIII Francês, às cortesãs, ao Marques de Sade, perturbam a ordem um tanto bem arrumada demais do *prêt-à-porter*, com um permanente e salutar apelo à desordem”. (BAUDOT, 2000, p.330)

A moda é efêmera, passa por constantes mudanças, mas o que é apresentado na moda nem sempre é algo novo, inédito, original. A moda se repete em ciclos, e na maioria das vezes ela bebe na fonte do nosso passado para buscar inspirações e trazê-las para o presente, como faz Vivienne Westwood.

### **Signos e o punk em Vivienne Westwood**

Para a realização das análises pretendidas, usaremos a Semiótica, trabalharemos especificamente com os princípios teóricos apontados por Peirce, o qual se apoiava na ideia de que “[...] toda e qualquer produção, realização e expressão humana como sendo uma questão semiótica” (SANTAELLA, 1983, p. 23). A partir do pensamento peirceano, pode-se, então, atribuir uma relação com a moda, sendo ela uma forma de expressão e comunicação, utilizada pelos sujeitos.

Para a semiótica, que se insere no quadro de teorias de comunicação e de linguagem, interessa todos os signos, verbais, não verbais e naturais; seus modos de significação, de denotação, de conotação e de informação; e todo o seu comportamento e propriedade (CASTILHO; MARTINS 2005, p.46).

A semiótica está presente nas manifestações humanas em que haja comunicação, atribuindo a esses seus significados. Segundo Garcia e Miranda (2007) “No modelo semiótico, a unidade mínima de análise é o texto”. Através da leitura dos textos gerados pelos indivíduos, torna-se possível identificar o que um sujeito tenciona comunicar. Quando se pensa em moda, devemos considerá-la uma linguagem não verbal, na forma de comunicar dos indivíduos, que buscam indicar o seu lugar na sociedade, uma linguagem de signos, que conforme Ferrara (2007, p. 11, grifo do autor)

Identificar e definir a natureza de um signo, a relação que mantém com o objeto representado, a atuação possível de um interpretante na prática relacional que estabelece entre o modo de representação de um signo e seu

objeto, parcial ou totalmente representado, constitui condição imprescindível para que se estabeleçam os padrões característicos de uma linguagem. Ao estudo dessa lógica dá-se o nome de *semiótica*.

A semiótica é capaz de desvendar os significados, ou seja, os signos, e, no caso das roupas, esse código precisa ser desvendado, tornando-se necessário realizar uma leitura das vestimentas para atribuir significados. E nas composições de vestimentas, realizadas pelos indivíduos, podemos verificar valores culturais.

Para a análise dos trajes de Westwood, consideramos a definição de signo apresentada por Peirce, a qual define signos como ícones<sup>2</sup>, índices<sup>3</sup> e símbolos.<sup>4</sup>

Analisaremos peças concebidas por Vivienne e momentos e coleções diferentes, lançadas entre 1990 e 2010, para tentar identificar se há ou não influência do movimento punk nas suas criações.

A primeira peça, oriunda da coleção *Five Centuries Ago*, outono/inverno de 1997, foi apresentada em Paris, e trouxe referências aos retratos de nobres da história, principalmente na realeza inglesa e na Alta-Costura, além da sexualidade, talvez uma influência de sua primeira loja. Os seios a mostra, chocantes, eram muito presentes no material produzido pela estilista no início de sua carreira.



Figura 1- Peça da coleção *Five Centuries Ago*. Fonte: Wilcox, 2004, p. 171

---

<sup>2</sup>“Um ícone é um signo que se refere ao Objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui quer um tal Objeto realmente exista ou não” (PEIRCE, 1995, p.52).

<sup>3</sup> “Um índice é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse Objeto” (PEIRCE, 1995, p.52).

<sup>4</sup> “Um símbolo é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele Objeto” (PEIRCE, 1995, p.52).

Na figura 1 vemos o conjunto que é composto por soutian, calcinha e cinta-liga, recobertos por um casaco de pele. Este traje foi confeccionado em um tecido brilhante, na cor dourada. Observamos, então, a presença de signos que simbolizam riqueza, como a cor dourada, tanto no traje quanto na grossa corrente usada pela modelo. Segundo Farina (2011), o dourado pode significar a cor da sofisticação, por meio da nobreza; por outro lado, quando em excesso, indica popularesco. Talvez, aqui, percebamos um toque de ironia da estilista, pois ao mesmo tempo em que ela, de certa forma, homenagea a realeza britânica, também sugere que o dourado não sirva mais, exclusivamente a estes indivíduos, e que poderia pertencer aos indivíduos que não fazem parte da realeza.

Além disso, há, na imagem, a presença de um casaco de pele marrom, cujo forro é em matelasê e em tecido também brilhante. A pele também pode ser considerado um signo de luxo, de riqueza, pois sabemos que é um produto muito valorizado, de difícil confecção. Por outro lado, Farina (2011) afirma que o marrom também pode ser associado às roupas populares, pois lembra aqueles tecidos que não são tingidos, ou seja, mais simples.

O que pode causar certa estranheza, nesse modelo, é a exposição quase total do corpo da modelo, e, nesse momento, poderíamos afirmar que se constitui a relação entre essa produção e as ações de protestos, presentes no início da carreira da estilista; talvez, até mesmo, uma reminiscência do início de sua carreira.

Os seios, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2000), tem relação com o feminino, com a maternidade, representa suavidade e segurança. Nessa produção de Westwood, aparentemente não essas as significações que ficam mais evidentes, podem os seios serem elementos de provocação, de valorização da mulher como um indivíduo sensual, provocativo.

A corrente usada no pescoço, como colar, lembra os metais utilizados pelos punks, indicando, assim, a origem da estilista. É uma gargantilha dourada, de aspecto rústico e pesado. Apesar de servir como signo de riqueza, de luxo, a corrente também destoa dos demais elementos do conjunto, pois tem aspecto pesado, por conta dos grandes elos que a constituem.

Então, a delicadeza normalmente vista nas peças íntimas, é substituída por uma espécie de agressividade, principalmente pelo uso de material mais encorpado, lembrando, até mesmo o couro envernizado, e pelo fato de os seios ficarem a mostra, mas de uma forma que não os eleva, pois que são amassados pelo soutain, quase que

desvalorizando-os. Observamos, então, a presença de signos os quais revelam situações como a riqueza, o luxo, a luxúria, a agressividade.

A peça seguinte, faz parte da coleção de primavera/verão do ano de 2010. A figura 2 é um vestido confeccionado em tecido floral, de aspecto fluido.



Figura 2- Defile Primavera/verão 2010. Fonte: <http://www.style.com/fashionshows/review/S2010RTW-vwestwood/>

A coleção primavera/verão de 2010, apresentou *eco-slogans*, crenças pró-verde e anti-consumismo. Além disso, também é possível verificar a influência do estilista Christian Dior nessa produção, pois a cintura é bem marcada, e a modelagem inspirada nos *looks* históricos como a saia tipo crinolina.

A figura 2, uma imagem de desfile, é comporta por uma série de signo. Inicialmente, observamos que a modelo tem seu rosto pintado de branco, algo bastante comum nos Séculos XVI e XVII, quando as mulheres e os homens pintavam suas faces com pós brancos, como forma de embelezamento (Vigarello, 2006). Vigarello (2006) afirma que “A pintura do rosto poderia sugerir uma maneira de seduzir escapando do tutor de quem a mulher depende: uma prova de capricho, a confissão de uma liberdade”(VIGARELLO, 2006, p. 68). Para o autor, a maquiagem seria uma transgressão, um desafio feminino contra a ordem vigente; poderia sugerir, também, uma “mulher alegre”, e, até mesmo, uma mulher que seria um símbolo de perdição (VIGARELLO, 2006). Além disso, a modelo também usa uma peruca volumosa, signo que também se aproxima do Século XVI e XVII, e dos costumes de beleza da época.

Esses signos revelam, de certa forma o contexto da criação de Westwood, pois são elementos comuns para a sociedade dos Séculos XVI e XVII, e, apesar de a estilista viver em outro momento histórico, estabeleceu ligações com esse conjunto de elementos, comuns na Inglaterra de séculos atrás.



O vestido da modelo manifesta feminilidade através da sua forma, uma vez que marca a cintura, a saia é elaborada a partir da composição de babados; ele também é recatado, pois o decote é próximo ao pescoço, a bainha do vestido é na altura dos joelhos, e o tecido não é transparente. A estampa do tecido, por outro lado, revela transgressão, característica muito comum na produção de Westwood, desde o início de sua carreira, pois apresenta inscrições verbais como pichações

Os demais signos, ou seja, as meias na cor laranja, e as botas no estilo cowboy, evidenciam a ruptura estabelecida pela estilista com o corriqueiro, pois são itens que causam surpresa ao receptor. A cor laranja presente nas meias, e pode significar ofensa, agressão, luz, calor, perigo, desejo, robustez, dominação, sensualidade, energia, alegria, prazer e senso de humor (FARINA, 2011). Podemos, então, afirmar que com o uso dessa cor, a estilista rompe com as características do punk mais clássico, mas não deixa de romper com certa estabilidade, pois a cor, por si só, pode significar a agressão que o movimento sugere. O branco das botas pode ter como significados a neutralidade, liberdade, criatividade, juventude, harmonia, mas ela é a cor “mais intensa e irradiante do espectro” (FARINA, 2011, p.97). Essa cor faz com que se estabeleça uma continuidade com a delicadeza do vestido, e, por outro lado, surpreende o receptor pela sua intensidade.

A modelo leva na mão uma maçã verde, que, para CHEVALIER e GHEERBRANT (2000, p.572)), significa “um meio de conhecimento[...] do bem e do mal, conhecimento unificador, que confere a imortabilidade[...]”. Com a utilização da maçã no desfile, a estilista pode estar reafirmando o conhecimento que ela possui de seu próprio ofício, e estaria, quiçá, apontando para a permanência de determinadas características do punk em sua produção estilística.

A partir da observação da figura, podemos, então, perceber que Vivienne Westwood não deixa de utilizar em sua produção elementos que revelam sua íntima aproximação com o punk. E tal aproximação se revela, nesta produção, através da quebra de um padrão de feminilidade, pois o que vemos é um vestido suave sendo complementado por pesadas botas, um estilo que, normalmente, não acompanha esse tipo de figurino. Ou seja, mostra uma clara transgressão a certos padrões estipulados pela sociedade, que define os códigos para uma produção romântica, ou elegante, ou social, ou esportiva.

### **Considerações**

Podemos observar que a moda é um poderoso meio de comunicação, e que a roupa tem linguagem própria, e mesmo que uma pessoa não tenha intenção de comunicar nada, pela simples seleção da roupa que vai vestir, ela já está comunicando.

Ao analisarmos o movimento punk e o trabalho da estilista Vivienne Westwood, resta claro que os traços desse movimento, mesmo que às vezes mais apagados, estão visivelmente presentes no trabalho dela.

Também fica evidente que os indivíduos que pertencem a esse movimento expressam sua revolta e seus ideais a partir da sua indumentária, e que Vivienne tem imensa contribuição nisso.

Segundo Hall, “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2005, p.38). Essa frase nos faz entender, que a identidade da estilista vem sendo construída de acordo com todas as suas vivências, e que, mesmo tendo feito parte desse movimento que ocorreu a quarenta décadas, ele ainda está fortemente enraizado na identidade dela, e por consequência, nas suas criações.

### **Referências Bibliográficas**

- BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco. 2003.
- BAUDOT, François. **Moda do Século**. São Paulo. Cosac e Naif Edições. 2000.
- BIVAR, Antônio. **O que é punk**. 5.ed. São Paulo: Livraria Brasiliense. 2001
- CASTILHO, Kátia. **Moda e Linguagem**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi. 2004.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANDT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- COGAN, Brian. **The Encyclopedia of Punk**. Nova York, NY: Sterling Publishing, 2008.
- FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em Comunicação**. São Paulo: Blucher, 2011.
- GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de. **Moda é Comunicação: experiências, memórias, vínculos**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi. 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- JONES, Terry; MAIR, Avril. **Fashion Now: i-D Selects the world's 150 most importante designers**. 1 ed. Portugal, Taschen do Brasil, 2003.

MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de moda:** a relação pessoa-objeto. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

ROSCHER, Renato. O'HARA – Os 30 anos do *punk*. São Paulo: Caderno Ilustrada, 05/07/2005.

SABINO, Marco. **Dicionário da Moda**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2007.

SEELING, Charlotte. **Moda, o século dos estilistas:** 1900 a 1990. Portugal. Könemann. 2000.

SOUZA, Lynn M.TM. de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JR., Benjamin (Org.). **Margens da cultura:** mestiçagem, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 113-133.

TEMPLE, Julien. **O Lixo e a Fúria humaniza o Punk Inglês**. 2001. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/arquivo/artelazer/2001/not20010906p2504.htm> Acesso em: 18 de setembro de 2010.

VIGARELLO, Georges. História da Beleza. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VINIL, Kid. **Almanaque do Rock**. São Paulo, Ediouro, 2008.

WILCOX, Claire. **Vivienne Westwood**. 14.ed. Londres. V&A Publishing. 2010.

<[http://www.vam.ac.uk/vastatic/microsites/1231\\_vivienne\\_westwood/text\\_panel\\_r2\\_12.html](http://www.vam.ac.uk/vastatic/microsites/1231_vivienne_westwood/text_panel_r2_12.html)> Acesso em: maio de 2010.